

Assignaturas para a cidade e para fóra
 Anno 3\$000
 Semestre 5\$000
Pagamento adiantado
 Numero avulso—200 réis.

IMPRENSA YTUANA

Annuncios e publicações —140 réis
 por linha, aos assignantes 100 réis,
 repetições metade

DO INSTITUTO DO NOVO MUNDO

Pagamento adiantado
 Typ.Largo do Carmo

COLLABORADORES---DIVERSOS

EDITOR-FELICIANO LEITE PACHECO JUNIOR

Publica-se aos domingos, recebe-se annuncios até as sextas-feiras ao meio dia.

PROVINCIA DE S. PAULO

YTU' 14 de Julho de 1878

BRAZIL

IMPRENSA YTUANA

14 DE JULHO

O Congresso Agricola.

O assumpto que actualmente occupa o espirito publico do nosso paiz, é de mais subida importancia pela immensa vantagem que traz, já considerando-se o lavrador, á quem rasga-se um novo horizonte de prosperidades, e de esperanças, já tendo-se em vista a riqueza do Estado, é de incontestavel merito o importante questionario que o Governo ora propõe sobre a lavoura do paiz.

I Quaes as necessidades mais urgentes e immediatas da grande lavoura?

II E' muito sensível a falta de braços para manter, melhorar e desenvolver os actuaes estabelecimento da grande lavoura?

III Qual o modo mais efficaz e conveniente de supprir essa falta?

IV Poder-se ha esperar que os ingenuos, filhos de escravas, constituam um elemento do trabalho livre e permanente na grande propriedade?

No caso contrario quaes os meios de reorganisar o trabalho agricola?

V A grande lavoura sente carencia de capitães? No caso affirmativo, é devido este facto a falta absoluta delles no paiz ou á depressão do credito agricola?

VI Qual o meio de levantar o credito agricola? Convem crear estabelecimentos especiaes? Como fundal-os?

VII Na lavoura tem se introduzido melhoramentos? Quaes? Ha urgencia de outros? Como realisar-os?

Bem comprehendeu o ministerio actual—que sendo a lavoura o rafno principal de riqueza e vida no territorio do imperio, cumpria chamar a attenção dos seus habitantes para este interessante ponto.

Fez-se appello a iniciativa particular, a fim de concorrer com o Governo, no sentido de augmentar a grande lavoura, attendendo-se para as suas necessidades as mais palpitantes, como, supprir a difficiencia de braços, augmentar o capital sem grandes sacrificios; emfim extirpar o mal—a rotina d'essas velhas usanças que tanto tem vexado a lavoura como a industria.

Se é verdade que o commercio e a industria por sua natureza—tendem a augmentar mais facilmente a riqueza em um paiz, em todo cazo a lavoura é mais segura e mais constante—apezar de sua morosidade.

O Governo querendo augmentar a riqueza publica procura a principal fonte—o augmento da lavoura, abrindo assim a porta á colonisação, e portanto a maior emigração para o paiz.

Sobre este ponto vimos novas considerações que deixamos ao leitor aprecial-as chamando a sua attenção para a «Provincia» de 6 e 7 do corrente. Ahí ha muita luz sobre o assumpto que tanto nos deve interessar.

No próximo numero voltaremos de novo a nossa attenção mais detidamente sobre esta materia.

GAZETILHA

Juiz de Direito.—No dia 11 do corrente, de volta da cidade de Piracicaba, onde se achava no gozo de licença, assumio as funções d'esse importante cargo, o nosso illustrado e sympathico amigo dr. Frederico Dabney d'Avellar Brotero.

Comprimntamos S. S. por seu feliz regresso.

Juiz Municipal.— Amanhã deve chegar a esta cidade, de volta de seu passeio a Pirassununga, o dr. Francisco de Assis Pacheco Junior, digno juiz municipal d'este termo.

Hospedes illustres.— Estiveram entre nós, hospedados em casa do sr. cap. Andrade, os eximos. srs. drs. Candido Mendes d'Almeida, senador do imperio e João Mendes de Almeida, deputado geral e redactor da «Sentinella»

Insubordinação.—Consta-nos que o commandante do destacamento de Indaiatubá, cabo Lucio Pereira de Moraes, em companhia de mais soldados sob seu commando, desobedecera as ordens do Delegado de Policia d'essa localidade, resistindo a ordem de prisão que lhe foi dada em seguida pela mesma autoridade. Achando-se sem recursos, a autoridade policial, d'esse termo, pede auxilio a de Ytu, que prontamente enviou força, prestando assim o necessario apoio ao seu digno collega de Indaiatuba.

E' digno de louvor a attitudẽ energica e ao mesmo tempo prudente que soube tomar o Delegado de Policia de Ytu alferes Carlos Tavares, acompanhado em pessoa a escolta para esse lugar.

Não oferecendo segurança a cadêa d'aquella villa, forão os presos por ordem dessa autoridade, condusidos para esta cidade, em cuja cadêa achão-se recolhidos.

Informão-nos que já se procedeo inquerito.

Professor Publico.—Por acto da presidencia de 11 do corrente foi removido da 3ª cadeira do Bananal para a do Instituto de Educando Artífices, o nosso distincto e intelligente amigo Carlos Reis.

Esse acto do digno administrador da provincia merece louvores de todos que conhecem as qualidades de C. Reis.

S. Exc. não podia encontrar ninguem mais habilitado para reger tão importante cadeira.

A intelligencia d'esse professor, a sua illustração, a longa pratica de ensino e a vocação que elle tem para o magisterio, do qual tem sabido fazer um sacerdocio, são qualidades difficis de se encontrar em um professor.

Acceite sua Exc. nossos louvores pela acertada escolha que acaba de fazer e o nomeado nossos parabens.

Medico.—Acha se n'esta cidade onde vem residir, o dr. em medicina pela faculdade do Rio de Janeiro Gregorio da Cunha Vasconcellos.

O dr. Cunha Vasconcellos é um medico distincto e tem ainda a seu favor a longa pratica adquerida em um dos hospitaes da cõrte, onde por muito tempo clinicou.

Apresentando e recommendando ao publico de Ytu tão provecto e habil facultativo, temos certesa que n'elle encontraram, a par da grande pericia com que desempenha sua honrosa profissão, a caridade para com os desvalidos da fortuna.

Jornaes.—Recebemos o n. 1 do «Correio de Santos» que acaba de encetar sua publicação na cidade de Santos; o n. 3 do «Echo Feirense» que se publica na Feira de S. Anna, provincia da Bahia; e o «Horizonte» que se publica em S. José dos Barreiros. Agradecemos.

Morte repentina.— Em dias da semana passada falleceu, victima de uma e-

pilepsia, o sr. Luiz de França Camargo, na flor da idade, pois apenas contava 14 annos.

Foram horriveis os seus soffrimntes; em menos de uma hora teve elle mais de 12 ataques consecutivos.

Movimento da S. C. de Misericordia.—Durante o mez de Junho p.p. Existião do mez p. passado 14 doentes. Entrarão neste mez 3 Sahirão com alta 5 Fallecerão 3 Existem em tratamento 15

G. Hund.—Este allemão, que a força de trabalho adqueriu em S. Paulo, onde tinha uma fundição de ferro, uma fortuna regular, foi preso na Alemanha, por ser um dos importantes membros do partido socialista.

Entre os seu corrigionarios, era Hund conhecido por *veia orifera*; tal era a franqueza com que elle abria a elles sua bolsa.

O partido socialista é o mesmo que já por duas vezes attentou contra a vida do rei Guilherme.

Navegação do Tiete.—Esta util e grandiosa empresa, tendo á testa o Sr. dr. Ignacio de Moura, marcha de um modo digno de seu emprehendedor empresario.

Os barcos para a navegação do Tiete ao Salto estão em adiantada construcção, e informão-nos, que até o fim do mez de Agosto, esta povoação virá desembarcar em seu solo os productos de lugares proximos, que virão dar empulso e desenvolvimento ao seu enfraquecido commercio.

Facto horroroso.—Escrevem de Piracicaba, a «Provincia de S. Paulo»:

«Hontem á noite Carlos Nunes Ferraz, acompanhado de um camarada, chegava a fazenda de sua sogra e tia d. Gertrudes Ferraz de Sampaio na serra Congonhal, a duas e meia leguas desta cidade, da qual era administrador, levando uma escrava fugida. Esta ia solta e apadrinhada; mas recusando responder e dar os motivos da fuga ia ser algemada, quando chegou o marido, tambem escravo á inuirir do caso: repellido, resistiu, travou lueta com Carlos e o camarada, e gritou: então acudiram mais tres ou quatro escravos, indo na frente dois filhos desse casal, os quaes intervindo na lueta armados de foices offenderam e afugentaram o camarada, mataram a senhora, e alcançando a Carlos, que muito offendido procurava fugir, tambem o mataram 40 braças da casa.

Os cadaveres ficaram horrivelmente desfigurados.

D. Gertrudes era mãe de numerosa familia, e possuia só 8 ou 10 escravos de serviço. Carlos era moço de vinte e poucos annos, casado ha tres ou quatro mezes. Não eram mais senhores.

Dois dos criminosos vieram apresentar-se á prisão.»

Bispo de Pernambuco—As folhas da cõrte publicaram no dia 7 o seguinte telegramma:

«BORDEUS, 5 de Julho.

Falleceu hoje, em Paris, victima de seus antigos padecimentos da larynge, o frei capuchinho d. Vital Gonçalves de Oliveira, bispo de Olinda.»

No vigor da idade e da intelligencia, escreve o «Journal do Commercio», acaba de succumbir, victima de antigos padecimentos, d. frei Vital Maria Gonçalves de Oliveira, bispo resignatario da Sé de Olinda, do conselho de S. M. o Imperador. A parte activa que o prelado tomou nos recentes acontecimentos conhecidos pela denominação de conflicto ecclesiastico, vive ainda na memoria de todos. Foi o illustre finado veemente campeão das ideas que professava, e mesmo os adversarios destas lhe faziam a justiça de o acreditarem sincero na sua fé, e ardente no seu zelo.

Leão XIII.—Diz *La Gironde* que a saude do papa Leão XIII está muito seria-

mente ameaçada. Sua santidade padece de uma languidez que faz rapidos progressos, sem deixar esperança de restabelecimento.

Assegura-se que o papa tem deixado perceber o desejo de resignar o poder.

Voto religioso.—Le-se na «Tribuna Liberal».

«No dia 7 do corrente, das mãos do exm. sr. bispo diocesano recebeu no recolhimento de Santa Thereza, o escapulario de irmã professa a exma. sra. d. Maria Thereza de Jesus, que allí havia completado o seu anno de noviçado.

Por essa occasião cantou-se *Té-Deum* e as antiphonas proprias a taes solemnidades e o exmo. sr. d. Lino, subindo a tribuna sagrada, fez-se ouvir n'um tocante e eloquente discurso sobre a castidade.

A professanda, natural de Ytu, conta 44 annos de idade e é filha do sr. José Manoel de França, já fallecido e de sua consorte a exma. sra. d. Gertrudes de Camargo Barros, que assistiu ao acto, no qual, alem do grande numero fieis, estiveram presentes os rvds. srs. conegos Jeronymo, Ezequias, Gonçalves, Emygdio Bernardes, Terra Pinheiro, Monsenhor dr. Anacleto e vigario do Braz.»

Conselheiro Varnhagen.—Diz o «Journal do Commercio» de 3:

«Um telegramma, hontem recebido nesta cõrte, noticia-nos o fallecimento na Europa de um brasileiro distincto e creador de todas as homenagens pela sua nobreza e rudição e eminentes serviços prestados ao paiz e ás letras nacionaes.

Morreu o conselheiro Francisco Adolpho de Varnhagen, visconde do Porto Seguro actualmente enviado extraordinario e ministro plenipotenciario junto ao imperio reino da Australia-Hungria, cavalheiro da ordem de Nosso Senhor Jezus-Christo, com a mendador da Rosa, grão-cruz das imperiaes ordens russianas de Santo Estandão, e austriaca da Corôa de Ferro, commendador de numero da americana real ordem hespanhola de Isabel a Catholica, e de numero extraordinario da real e distincta ordem hespanhola de Carlos III.

Nascêra na freguezia de S. João do Ypanama, provincia de S. Paulo, a 17 de Fevereiro de 1819, e era filho do tenente-coronel Frederico Luiz Guilherme de Varnhagen, restaurador e administrador da fabrica de ferro do Ypanama.

Seria longo enumerar as obras importantissimas com que o preclaro paulista illustrou a litteratura do Brazil, grangeando o nome immorredouro que o ha de perpetuar nos fastos dos que trabalharam pelos progressos da patria, pela compillação das chronicas brasileiras e pelo adiantamento intellectual dos seus concidadãos.

Historiador, chorographo, geographo, poeta, dramaturgo, biographo e mathematico, foi sempre o conselheiro Varnhagen considerado pelos seus estudos de superior quilate, e pelo seu acrisolado patriotismo.

Na Europa, como diplomata, honrou e representou com dignidade e cortesia a nação brasileira tornando-se saliente nas questões diplomaticas em nas exposições universaes que allí se deram.

O fallecimento de um brasileiro de tal ordem merece as condolencias da patria.»

Flores comestiveis.—Lê-se na *Revista Horticultura*:

«Em Maio de 1876, e com esta mesma epigraphe, demos noticia de duas plantas: *Bassia latifolia* e a *B. longifolia*, cujas flores eram vendidas em alguns mercados da India, como artigo de alimentação: parece que a importancia da primeira dessas arvores tem grandemente augmentado, pois o sr. Lockwood em uma nota que leu ultimamente perante a Sociedade Lineana de Londres, disse que nos arredores de Monghyr, cidade da India, pode-se ver de uma vez mais de 100,000 arvores das-a especie.

Além do alimento que ella offerece em suas flores, das quaes os indigenas fazem grande consumo produzem tambem, por distillação, um espirito muito aromatico, e dos fructos extrahem se um oleo essencial:

alem disso as arvores são de muito valor para o fabrico do sabão e para engordar o gado.

Novo modo de fixar a palavra.—Acha-se exposta ao publico, em casa do sr. F Rodde, na rua do Ouvidor, na corte (casa do Grande Magico), uma tenue folha de chumbo de 0^m,10 de largo sobre 0^m,25 de comprido, raiada, e sobre a qual se percebem a olho nu varias séries de pontos. Estes representam a impressão que nessa folha deixou a palavra fallada.

A folha é raiada para que as partes salientes apresentem um superficie mais sensível; e enrolada em um cylindro de cerca do 0^m,20 de diametro, a que um machinismo communica um movimento de rotação. Perto do cylindro se colloca uma placa tenuissima de ferro de cerca de 0^m,04 de diametro, de cujo centro sahe perpendicularmente um estylete, que a vibração atmospherica pôde por em contacto com a folha envolvida no cylindro. Esse estylete produz na folha taes impressões como as que correspondem ás vibrações da voz humana.

Por uma applicação inversa, a rotação do cylindro, a que se esconta o estylete, reproduz na placa as mesmas vibrações que anteriormente causaram a impressão, e a palavra reaparece na sua fórma phonica. A este facto a electricidade fica por ora inteiramente estranha.

Baptisados.—De 21 de Junho á 5 de Julho obaptisaram-se os seguintes:

Dia 22
João, de 9 dias, filho de João da Silveira Camargo Sobrinho e d. Laurinda da Silveira Camargo.

Getulio, de 12 dias, filho de Carlos Grellet e d. Maria das Neves Grellet.

Dia 24
Angelo, de 27 dias, filho de José Bueno de Camargo e Maria da Conceição.

Dia 25
Luiz, de 15 dias, filho de Rufino José Ramos e Rita Maria do Espirito Santo.

Antonio, de 12 dias, filho de Luiz Martins de Aguiar e d. Maria Gertrudes de Aguiar.

Dia 26
Roberta, de 18 dias, filha de Maria, solteira, escrava de d. Maria Vergina Pacheco Prado.

Dia 27
Olimpia, de um mez, filha de Joaquim Barbosa e Isabel Maria.

Elisa, de 6 dias, filha Joaquim Antonio Martins e Rita da Annuniação.

Casamento.—De 21 de Junho á 5 de Julho, casaram-se os seguintes:

Dia 22
José Antonio de Oliveira com Francisca Antonia de Toledo.

Obituario.—De 5 a 12 sepultaram-se os seguintes cadavres:

Dia 6
Gabriela, 1 anno, filha de Samuel e Benta, escravos de Jose Galvão de Almeida: vermes.

Dia 7
D. Umbelina da Natividade Azevedo, 68 annos, solteira: hemorragia cerebral.

Dia 9
Benedicta Pires da Conceição, 46 annos, viuva: paralisia.

Luiza, 63 annos, liberta de D. Joana Francisca de Arruda: insuficiencia da valvula mitral.

Dia 10
Miquilina, 25 annos, solteira, escrava de d. Carolina Antonieta de Aguiar Vasconcellos; phthica pulmonar.

Maria, 14 mezes, filha de Rita, solteira, escrava do ten. Feliciano Leite Pacheco Junior; congestão cerebral.

Joaquim, 13 dias, filho de Bernardo José de Moraes e d. Anna Joaquina Garcia; convulsões.

POESIA

Zezina

Ai, meu Deus, que singelleza,
que magia, que pureza,
morena, tu tens em ti!
nunca mulher tão formosa,
nunca visão mais mimosa,
eu te confesso—não vi.

No rosto quanta candura...
que igenuidade tão pura,
que garbo no teu perfil...
ai criança, ai meus amores,
do peito fogem-me as dores
ao ver te assim tão gentil.

Tem tanto aroma teu seio!
tem tanta graça esse enleio
que faz-te a fronte inclinar...
E' tão formoso o sorriso
que ardente, meigo, indacioso
nos teus labios vem brincar.

E quaes dois astros distantes
a luzir purós, brilhantes
são os teus olhos, Zezina:
deixam a todos captivos
que assim, querida, expressivos
somentemente os tem Angelina...

Como são encantadores!
Quanta luz quantos fulgores,
que seducção que elles teem...
A minha alma nessas flammaes
como a mariposa nas chammaes
se abraza doida tambem.

Mas são meus dias risonhos
e teem encantos meus sonhos
depois, depois que te vi:
que outra mulher tão formosa,
que outra visão mais mimosa
nunca, meu Deus, conheci...

E' tambem bella Fífina!
tem a face peregrina,
tem ardente e pura a tez...
mas tu tens mais poesia,
tens em tudo mais magia
e mais bonita tu és.

E's mais seductora, querida,
tens mais encantos, mais vida
e tu sabes mais amar...
Oh! si Fífina é formosa
é tambem muito vaidosa
e é inconstante a matar!

Por isso eu te amo, morena,
e vive minh'alma serena
que outra, qual tu, eu não vi...
Tens os olhos de Angelina,
tens as faces de Fífina
e tudo reunes em ti!

H. COSTA.

MISCELLANEA

Vomita, ladrão! Uma manhã, ainda cedinho, entra no botequim do sr. X., o sr. Z., e pede que lhe sirvam café. Emquanto lh'o vão preparar, lobraiga elle no armario fronteiro uma garrafa contendo capilé, levanta-se cautelosamente para não ser presentido, corre ao armario, toma a garrafa, e de um trago vasa no voraz estomago o seu conteúdo.

O sr. X., que já desconfiara da *probidade* do sr. Z., percebeu-lhe a *artimanha*, e quando voltou a servil-o, finge ignorar o facto, olha com disfarce para o armario, coça a cabeça, e interroga-o:—O sr. Z., vossa mercê por acaso bebeu o liquido contido n'aquella garrafa?! Diga, diga! que d'aqui a dois minutos já o não poderei salvar! Aquella garrafa, sr. Z., continha uma porção arseniosa! Ai! meu Deus! que desgraça!

Dada a explicação, o sr. Z. começa a cambear e a tremer, e acaba por confessar que effectivamente tinha bebido o conteúdo da garrafa.

Era isto mesmo que o sr. X. queria ouvir. Immediatamente manda vir um grande cangirão com agua morna, e começa a applicar ao paciente copo sobre copo, até que, não podendo o estomago do desgraçado conter tamanha quantidade de agua, a deita fora a jorros conjuntamente com o capilé que havia bebido.

E' então que o sr. X., ufano com o bom resultado obtido, e com graça que lhe é propria, lhe brada em altas vozes:—*Vomita, ladrão, vomita!*

OS RAPAZES DE AGORA

Os rapazes d'agora não querem
No rosario as novenas rezar,
Só querem pequenas bonitas,
Dizem elles, com quem se casar.

Dos cueiros ainda molhados,
Sem poderem de todo pular,
E já dizem de caras franzidas:
«Oh! papai o que quero é casar.»

Dos quinze aos dezoito chegando
Já não sabem outra cousa fallar,
E só que:—fulana é bonita,
E com ella ne quero casar.

Desrespeitam os pais e padrinhos,
E ao mundo se vão atirar;
Dizem elles: «e porque não me deixam
Com fulana, que é bella, casar?»

Não sabem ainda que geito
De vida terão a pegar,

E já fallam de voz arrogante:
Oh! papai o que quero é casar!

Logo abaixo e acima passeios,
E em casa não querem parar;
E arrematam dizendo:—eu saio,
Não m'importa o que quero é casar.

Do trabalho não sabem feitura,
A vida não sabem guiar,
E ao pai e a mai despresando
Mettem os pés e la vão se casar.

Os rapazes d'agora não pagam
O trabalho que dão de os criar;
Mal os cueiros de si vão caindo,
«Oh! papai, o que quero é casar!»

Blondin em apuros.—Com o titulo *Blondin em Paris* o *Evenement* refere o seguinte:

«Uma manhã, em Chicago, Blondin recebeu a visita de um *gentleman*, elegantemente trajado, que lhe exprimiu o desejo de atravessar as cordas as suas costas, como vira outro cavalheiro fazer na vespera.

Depois de certas combinações, a hora designada o *gentleman* comprimenta Blondin e encarapita-se lhe nas costas.

Mal tinha dado alguns passos quando ouviu esse cavalheiro soltar uma gargalhada.

—O que é? perguntou-lhe elle, andando.
—Estou me lembrando da figura que o senhor vai fazer d'aqui a pouco, cahindo em minha companhia, sobre as cabeças de todo esse povo.

—Tranquillise-se, respondeu Blondin, rindo tambem, que não cahiremos.

—Pego-lhe perdão, porque resolvi suicidar-me, como vai ver...

E ao mesmo tempo o louco pae-se a agitar-se desesperadamente nas costas do equilibrista. Blondin achava-se quasi na metade da corda, entesada a 25 metros no ar.

Blondin sentiu momentaneamente um suor frio percorrer-lhe todo o corpo. Mas fez-lheimento sua presença de espirito não o abandonou.

Largou a maromba, e agarrou resolutamente o alienado pelas pernas para conservalo o mais immovel possivel, e concentrando toda sua vontade, caminhou direito como uma andorinha, emquanto o outro dava-lhe murros formidaveis na cabeça.

Afinal chegou a plataforma, onde pôde libertar-se do seu companheiro de viagem. O personagem em questao poucos dias depois fez saltar os miolos.»

Carta modelo.—A que abaixo publicamos é copia fiel de uma circular ou carta impressa que foi achada em uma das ruas d'esta cidade.

E' digna de ser lida.
Ella:

Illm. Sur.
Sarocabe de Junho de 1878. —
Muito desejo terei em saber noticia pa sua Ex^{ma} familias, rrogo lhe ofavor de saber dos meos negocios que tenho, nesta Villa de Una, á quanto andamos de liquidação da queles uegocio que V. S. sabe para, medar resposta para este ceo, Cr^a que muito lhe-estima

D. G. M. S^o

Fermino Antonio Vacomcellos.

Ir buscar lá.—Uma senhora examinava uma gravura no mostrador de um livreiro. Emquanto satisfazia a sua curiosidade, um espirituoso importuno, vendo correr uma aranha sobre o chale da dama, aproximando-se della, diz-lhe batendo no hombro:

—Minha senhora tem nas suas costas um animal!

A dama surprehendida, voltando-se, responde:

—Ah! perdão, senhor, não sabia que estava atraz!...

Valor d'um alfinete.—Um cavalheiro de industria dizia a um seu collega.
—Amigo, eu preciso o alfinete que trazes na gravata.

—Achas que seja de gosto?
—Muito. Pode-se saber o seu valor?
—Homem, não t'o posso dizer, porque quando o tirei, não havia ninguem na loja para lh'o perguntar.

Cegueira d'amantes.—Porque é que chamam cego a quem ama?

—E' porque o amor é cego.
—Não: é porque o amante em geral faz como o cego, apregôa a sua paixão por praças e ruas.

Paraná desconsolar a ninguem.—Havia um francez que dizia sempre quando se zangava com alguem:

—Seu pedaço de maroto! Você é o penultimo canalha que ha no mundo?

—Penultimo! porque é elle só o penultimo? —perguntaram uma vez, ao que o francez respondeu:

—Penultimo, digo eu, para não desconsolar a ninguem.
Já era caridade!

Teria razão.—Um confessor dá por penitencia rezar durante um anno 30 Padre Nossos, Ave Maria e não sei quantas Glorias a um pobre camponez.

No dia seguinte encontra-se este com o padre, que estava sentado a ler.

Passa a primeira vez e sauda o reverendo. Este corresponde.

O camponez, depois de ter dado uns vinte passos, volta-se e torna a cumprimentar o reverendo. Terceira, quarta, até a vigesima vez faz sempre o mesmo.

O padre, furioso, atira se ao pobre do homem.

—Que diabo de amolação é esta? não me dirá? interroga o padre.

—Ah! exclama o camponez: vossa reverendissima incommoda-se por vinte cumprimentos, então que dirá o Padre Eterno quando lhe rezar trinta Padre Nossos?!

Cão intelligente.—Em frente a um dos hotéis de Paris, ha um engraxador estabelecido com a sua officina portatil o qual descobriu um meio engenhoso para angariar freguezes.

O seu agente é um cão que envolvendo as patas em barro vae disfarçadamente limpando-as nas botas dos transeuntes. E' nessa occasião que se apresenta o engraxador offerecendo-lhes seus prestimos, e raro é o que regeita-os.

Quando o cão vê o seu amo occupado deita-se tranquillamente, parecendo que reflexiona que não é possivel a um só homem limpar ao mesmo tempo dous pares de sapatos: porem quando o mesmo está desoccupado, repete a operação.

Este cão é considerado como um verdadeiro prodigio.

VARIEDADES

As mulheres na familia.

As mulheres têm, na generalidade, um costume deploravel! Só se vestem, só se enfeitam, só querem ser amáveis para o publico.

O marido, ainda o mais feliz aia-la o mais extremo, tem sempre um rival terrivel, um rival exigente, um rival que lhe rouba parte das prerogativas e lhe cerceia parte dos direitos.

Esse rival é o publico, é esse detestavel tyranno chamado *tout le monde*, a quem tudo se sacrifica, e do qual em recompensa só se recebem criticas e desdens!

Para elle nos vestimos, para elle levamos horas e horas a combinar o effeito do nosso *toilette*, para elle estamos defronte do espelho prendendo flores no cabello, inventando as difficeis architecturas do penteado, para elle sabemos tocar piano e sabemos cantar, para elle desejamos ser formosas! para que elle nos applauda—mentiroso e humilhante applauso!—exaurimos todos os recursos de nossa imaginação.

Para agradarmos a elle, que é *estranho*, nos esquecemos do que são nossos! Em casa as mulheres, pelo menos as mulheres portuguezas, as que eu de mais perto conheço, preferem a tudo aquillo a que tão impropriamente chamam *estar á vontade*. Usam uma *robe de chambre* desbotada, quando não trazem um vestido velho que já não serve para a rua, trazem o cabello em *papelotes* ou frisado em ganchos, e como quem descansam um pouco das talas que impuzeram aos pés, consolam-n'os, mettendo os n'umas largas *babouches* desgeitosas.

Pela manhã, a hora do almoço, dão vontade de cherrar!

O marido olha para ella e... de duas uma;—ou sente fastio ou come como um lobo. De qualquer dos modos manifesta a sua melancolia. Questão de temperamento que não vem ao caso analysar aqui.

Ao meio dia, eis porem, que se lembram das visitas, que não tardam, das *inimigas intimas* que vem colher invejas e semear despeitas, de todas as ferozes exigencias sociaes, de que são submissas escravas!

Desfranzem a testa, ageitam um sorriso malicioso ou sentimental consoante o genero da physionomia, mergulham o corpo nas tepidas e perfumadas caricias do banho, vestem-se brunem-se, penteiam-se, pintam-se... e apparecem transformadas.

Durante umas poucas de horas estão no palco.

O auditorio é escrupulosissimo. Ao menor indicio que lhe destôe, manifesta sem piedade o seu desagrado.

Ellas, no entanto suam *sous le harnais*, mas são intrepidas até a heroicidade.

Tem caricias felinas, sorrisos que adormecem a tristeza nos corações mais desconsoados, sabem ser engenhosas, cheias de invenções felizes, conseguem plenamente o seu fim, e ao deixarem a scena fica no ar uma impressão boa, quasi enternecida.

Chegou a occasião de voltar aos *bastidores*. Neste caso os bastidores são a companhia do marido.

Oh! Como ellas vem cansadas, aborrecidas, cheias de tédio, e de desalento! Despem, com a voluptuosidade com que se despe um cilicio, todas essas elegancias que as tor turavam; o sorriso ficticio apaga-se-lhes dos labios, a luz ficticia e morece-lhes no olhar.

A pelle precisa de *coll cream* e de *veloutine* de todos os ingredientes nauseabundos, o cabello cahe-lhes aos pés, solto dos ganchos que o prendiam; e enquanto a aia, com um sorriso ladino, os recolhe cuidadosamente na caixa de cartão, o marido contempla assarapantado, cheio de ingenuo e comico assombro, aquella cabeça que ainda ha pouco no orgulho com que se erguia, na magestade altiva com que ostentava o delicado edificio das tranças e dos *ricados*, lembrava uma das cabeças gentis que o seculo XVIII beijou com enlevos e que a guilhotina beijou com volupia selvagem.

O pé estreito e *camburé*, que ainda ha pouco, nos circulos vertiginosos da walsa, fazia pensar naquellas andorinhas forasteira que rogam a terra com o vôo inquieto e leve, sacode as prisões que o ligavam dolorosamente, e dilata-se á vontade, com uma furia de independência verdadeiramente demagogica e revolucionaria, na primeira chinela que apparece.

Todo o aspecto physico se transfigura e—consequencia fatal dessa mesma causa—, o aspecto moral transfigura-se tambem.

Como a dissimulação eterna é impossivel, ainda aos mais hypocritas, os defeitos que tão cuidadosamente se esconderam ao publico, revelam-se ao marido.

Riamos sem vontade ainda agora.

Com a fortuna! Desabafemos em nosso mau humor, visto que estamos em casa!

Tinhamos paciencia para aturar com expressão interessada e benevola assemblorias muito banaes, muito estafadas de um *senhor engratado*, de luvas cor de canario e bigode retorcido e insolente?

Sejamos agora desapiedadas para as historias já um pouco velhas, mas em summa bastante apresentaveis que o nosso marido nos quer contar!

Fingir! sempre fingir!... Impossivel!

Sejamos verdadeiras, ao menos nesta occasião, já que só desagradamos aquelle que tem obrigação restricta de nos aturar, quer queira, quer não!

Isto, que a primeira vista parece insignificante, quasi frivolo, tem um alcance enorme no destino de *vv. excs.*, minhas senhoras.

O marido, ao perceber que de todas as mulheres a mais desagradavel é a sua, tem um momento de profunda tristeza, ao qual succedem uns poucos de annos de revolta!

E' assim que se destrõe a familia, é assim que se torna desflorado e deserto o lar.

Em compensação enchem-se os salões, os *clubs*, os theatros, os *botequins*. Resta saber se uma das cousas pôde, n'uma sociedade honesta e bem constituida supprir a outra.

Sejam mais garridas em casa, e sejam-n'ó menos fora, aspirem a elegancia, desprezando os mentirosos artificios, procurem antes de tudo, agradecer a familia, e conseguirão a pouco e pouco, sem esforço premeditado, agradecer aos estranhos.

Uma familia boa, unida e feliz é como um foco de calor que atrahê e que irradia luz benefica.

Ha casa onde se entra e onde nos sentimos como n'um meio sympathico e captivante.

São sempre as casas em que a mulher possui a intelligencia do coração, essa cousa rara e preciosa que supprê a formosura, o talento e todos os attractivos do espirito.

Vestir-se com uma graça despretençioso e simples, rodear-se de cousas bellas, sentir e communicar em torno de si o prazer das distrações delicadas, ser em casa um perfume vivo, uma harmonia suave que não causa, uma luz serena que allumia e que não deslumbra eis o que é ser mulher na accepção completa da palavra.

Toda a mulher tem de ser *coquette* para o marido, enquanto para o marido a eterna tentação fôr o pómo vedado.

Em geral só se conhecem os dous extremos

Ou a matrona envolvida na sua virtude como n'uma couraça temivel, assanhadiga, formidavel, imaginando merecer todas as homenagens do esposo, porque afugenta com medonho aspecto as licenciosos de todos os outros, ou então a mulher dos salões, a flor exotica das nossas estufas mundanas, a Salamandra que vive no fogo, Ninon de *b. scuit* que se compraz nas adoracões que provoca e que inspira, infatigavel atriz que só á luz

da *vibatta* sabe desenvolver e manifestar todos os seus recursos.

Entre os dous contrastes é que fica a verdade.

Mulheres, desenvolvi no seio da familia as graças que disporçaes pelas voragens deste mundo.

Tende todas flexibilidades e todas as resistencias, todas as graças e todas as energias, sede o encanto, sem deixardes de ser a virtude, se tanto for preciso, dae a moralidade o sabor excitante do peccado, e sobretudo perdei de vista o publico esse brutal amante que vos absorve, que vos perde e que nunca vos corresponde.

MARIA AMALIA V. DE CARVALHO.

O gallo preto

Havia d'antes em Penajoia—terra que ninguem é capaz de ver no mappa geographico de Portugal—uma aula regia de primeiras letras.

A aula era n'uma casa de um só andar, rente do chão. Ficava no meio de uma clareira, e tinha ao lado dois grandes sobereiros, que a abrigavão do sol, no estio, e que rangião, no inverno, quando sopravão as rajadas do nordeste.

Os alumnos entravão ás oito horas da manhã, saião ao meio-dia, para jantar; e voltavão depois ás duas horas, para sahirem ás cinco da tarde. Alguns d'elles vinhão de longe, meia legua, tres quartos de legua de distancia. Erão todos pequeninos e pobres. Saião ao romper da manhã de suas casas, com o livro debaixo do braço, e a louza das contas pendente de um cordão, lançado a tiracollo. No caminho, os que vinhão de mais longe, ião-se reunindo aos condiscipulos que encontravão; jogavão ao botão, ou, se era tempo, trepavão aos castanheiros para cruelmente roubarem os ninhos dos melros e verdelhões.

O mestre, que tinha sido um valente cabo de milicianos, era um velhote rubujo, de pellos nas orelhas, e que pouco mais sabia do que os alumnos que ensinava.

Um dia perguntei-lhe eu:

— Diga-me cá, Sr. Joaquim, que methodo adopta?

— Que methodo?! exclamou elle, estranhando a pergunta. E depois, levantando as sobrancelhas, e com as sobrancelhas os oculos, fitou-me desconfiado, e respondeu com ar solemne:

— Adopto o methodo do Achilles (do *Axiles*), foi como elle disse).

Mas, a despeito de tudo isto, era um tyranno, como o são quasi todos os ignorantes.

A aula, como já disse, ficava ao rez do chão. A luz entrava por duas frestas, que ficavão acima dois palmos da cabeça de um homem; porque assim era preciso—explicava o mestre—para que os rapazitos se não distrahissem, a olhar para fóra. Ao fundo da sala ficava uma mesa de pinho e uma cadeira, que era o lugar do mestre. Depois seguio-se bancadas de pão collocadas como uma platéa, duas a duas deixando ao meio um intervallo, por onde entravão os alumnos; e quando todos tinham entrado, por onde passeiava gravemente o professor com o livro n'uma das mãos, e na outra um junco.

Os pequenos, assim que se approximavão da aula, impallidecião.

E antes de entrarem, quem alli passasse, via-os muitas vezes ainda a repetirem a lição, tremulos, enfiados e com a mesma coragem de quem tem de subir a uma força!

O Gabriel era ainda um pequenote de sete annos. Morava ao pé do abbade. E o abbade, que era um santo velhinho, é quem muitas vezes lhe ensinava a lição. Por isso, e como o pequeno era esperto—ui! diziaõ os conhecidos, o Gabriel? esperto como um alho!—era o Gabriel que quasi sempre ensinava a lição aos outros.

— Como se lê esta palavra, Gabriel? diz-me? pedia-lhe de uma vez o João do moleiro.

— Solet-a lá.

E principiou o outro:

— *P-h-i, pi.*

— Qual *pi!* Tambem eu cuidava! *P-h-i, fi!* emendou o Gabriel.

— *Fi!* exclamou o João. *Fi!* Peta! Tu enganás-me, Gabriel!

— Não engano, João; iê *fi*, que foi como me ensinou o Sr. abbade.

N'isto, chegou á porta da aula o mestre. Vinha a palitar-se, e com a face e orelha direita mais vermelhas, porque tinha dormido a sesta.

Chegou á porta e gritou:

— Canzuada, salta para dentro!

E lá entrãõ todos de chapeusinho na mão, cheios de medo, como um rebanho de ovelhas a entrar para um matadouro.

Assim que o mestre tirou o livro da gaveta, em seguida a palmatoria e depois o

lenço escarlate, de chita, fez-se um silencio lugubre na sala.

— Lê tu, João—principio elle

O João do moleiro foi lendo, mas cada vez que se ia aroximando da terrivel palavra, ia-lhe faltando o animo.

Dizer que *P-h-i* diz *fi*, que temeridade! Emfim continuou irremediavelmente:

— *E como a sciencia chamada... chamada...*

E erguen supplicante os olhos para o verdugo.

O mestre tossio para dar ao respeito, e bradou:

— Lê para baixo, me-ni-no—accentuando as syllabas com um sorriso ameaçador.

— *Chamada*—continuou o pequeno indeciso *chamada...* e terminou em tom mais baixo, com a incerteza de quem não sabe o que diz —*Philosophi.*

— Como? bradou o mestre, descarregando-lhe com o junco pelas orelhas. Como?

O pequeno fechou os olhos, encolheu os hombros, e emendou a chorar:

Pi-lo-so-pi-u.

O professor descarregou segunda juncada, e berrou:

— *Philosophia*, burro, *p losopia*

— *Philosophia*, repetio o pequeno.

Apenas o João do moleiro disse a palavra levantou-se o Gabriel do seu lugar, e declarou com a voz serena, e com as lagrimas a saltarem-lhe dos olhos:

— Sr. mestre, quem ensinou a dizer assim ao João do moleiro fui eu

— Oh! que escândalo! Santo Deus! O mestre ergue-se de golpe. Os discipulos tremião como varas verdes, e os mais pequentos até choravão! Podêra! O que iria acontecer, Nossa Senhora? O mestre ia correr tudo a bolaria, não ha duvida.

— O que é lá?—gritou o mestre Joaquim com uma voz convulsa. O que é?

E fixou o olhar para Gabriel, inclinando com o indicador o pavilhão da orelha direita.

— Fui eu, que ensinei assim—repetio o Gabriel assustado.

— Vem cá—chamou de afogadilho o mestre—; já aqui seu atrevido. E bateu com a palmatoria na mesa. O Gabriel poitou o livro no lugar e aproximou se.

— Aqui, já.

O mestre descarregou-lhe nas mãosinhas ternas, meia duzia de furiosas palmatoadas. Foi muito bem feito! Apre! Offender a sabedoria do seu mestre!

De uma outra vez, de tarde, aconteceu passar o abbade pela aula do mestre regio. Fóra ouvia-se uma gritaria, que eu sei lá! parecia que o mundo ia acabar.

A porta da aula estavão tres pobres mulheres, cada uma com um filhinho ao collo.

— Ah! vem o Sr. abbade—disse uma delias. Vamos pedir-lhe, mulheres. Aquillo foi Nosso Senhor que o trouxe por aqui.

Abeirãõ-se do abbade e implorãõ que fosse elle pedir ao mestre que perdoasse por esta vez aos rapaziuhos.

— Então o que aconteceu!—perguntou o reitor.

— Quem sabe lá, Sr. abbade. Elles berregão que patece que os matão!

— Se eu até já ouvi o meu Manoel que é tão fraquinho!

— E' o meu João, Sr. abbade que tão doentinho tem andado.

E o meu José! aquelle que foi este anno á primeira confissão, Sr. abbade, sabe?

O abbade dirigio-se a porta e bateu.

— Quem é?—perguntou do dentro a voz aspera do mestre.

— Abra, mestre Joaquim, faz favor?

O abbade entrou. Para os pequenos foi como se vissem a Providencia.

— Então o que lhe fizerão estes mariolas, Sr. Joaquim?—perguntou o abbade, olhando em roda para os alumnos.

— O que me fizerão? Roubãõ-me dois lapis!

— Oh! que grande peccado!—exclamou o abbade, atregalando os olhos.

— E é que nenhum confessa—explicou o mestre. E bradou voltado para os pequenos: nenhum confessa, mas eu *ra a i xo-os*, aqui, todos.

O abbade poz-lhe a mão no hombro e serenou dizendo-lhe:

— Pois se nenhum confessa, é o mesmo; que vãos já saber quem foi. Espere ahi que volto já.

Sabio o abbade e passados instantes entrou na aula precedido de uma rapariga. Aproximou se da mesa e disse:

— Põe tudo aqui em cima, Josephina. Assim. Agora vae-te embora.

A pequena poitou um panella de folha, e tirou debaixo do avental um gallo preto. O abbade mettu o gallo dentro da panella, cobrio-a com o testo, e principiou assim:

— Fez-se um grande peccado! Roubãõ um lapis, é muito capaz de roubar tu do! Meus filhos, um de vós commettou o

crime; e não confessa por vergonha. Ora, por causa d'aquelle que roubou os lapis, vão padecer todos os mais. Ahi tem! Em vez de só fazer um peccado, que Noesõ Senhor lhe perdoava se o confessasse e se arrependesse, vae commetter muitos, faltando a verdade, que é tão feio, e depois deixar que os outros soffrão injustamente.

Os pequeninos ouvião o abbade com religiosa veneração.

O abbade proseguio.

— Hão de vir todos, cada um por sua vez por a mão sobre esta panella. O gallo preto ha de cantar logo que sinta sobre o testo a mão criminosa do que roubou o lapis. E fica assim conhecido o ladrão: o Sr. mestre Joaquim ha de castiga-lo, e eu não quero ver mais. Ora, torno a dizer, se confessar está perdoado.

Na aula, silencio profundo.

— Nenhum se accusa? disse o abbade. Venha o numero 1.

Foi o numero 1 e poitou a mão sobre o testo. O gallo não cantou.

Foi o numero 2, foi o numero 3 e chegou até ao numero 4.

Antes de chegar a vez ao numero 5, todos os olhares convergirão para um canto da aula, d'onde partião uns soluços affectivos.

— Quem chora ahi?—perguntou o abbade.

Ergue-se o Eusebio da *Entrevada*.

Era um pequenino de oito annos, muito pobresinho, com um palmito de cara que estava mesmo a pedir pão.

Era um cinco réis de gente, o Eusebio.

— E' o da *Empregada*—explicou o do Moleiro.

— Anda cá, menino—chamou o abbade, anda cá. Tu porque choras?

O pequena approximou-se para justificar as suas lagrimas, mostrou ao reitor os dois lapis roubados.

— Ah! fostes tu, Eusebio?

E Jesus! O pequeno chorava que era um dó do coração! E nem podia responder, apenas acenava.

— Então foste tu. E, olha, para que os tiraste?

— E' que o Sr. mestre—balbucio o criminoso—disse-me que trouxesse eu um lapis, e eu não quiz pedir o dinheiro á minha mãe, que está *empresadinha* na cama e nem tem dinheiro para o caldo. E depois com modo de que o Sr. mestre me batesse...

— Pegaste n'um lapis. Foi assim? concluiu o parochõ.

— Foi, sim, senhor.

— Mas tu tiraste dois!

O pequeno desatou a chorar.

— Para que tiraste dois? insistia o padre.

— Era que—explicou o Eusebio—para quando se acabasse um!...

O mestre estava já de palmatoria prompta.

— O Eusebio estendeu resignado a mão sinha tremula.

— Basta—terminou o abbade. Eu prometti que se perdoava a quem confessasse. Para outra vez querendo alguma cousa, vae-me pedir, ouviste? Que eu não tenho tempo de saber o que vos falta. Ora vae para o teu lugar, e promette que não tornas a fazer outra.

O mestre Joaquim *sintio muito* não applicar o correctivo.

— Deixe lá, Sr. Joaquim—dizia-lhe o abbade. E' preciso muita misericordia para tratar as crianças. Lembre-se do que diz Jesus: *Sinit parvulos venire ad me*.

O mestre, que não sabia latim, mas que diante do curso quiz occultar a ignorancia, respondeu a sorrir com ares de quem perdoava:

— *Et cum spiritu tuo!*

ALBERTO BRAGA.

Charadas

(A' VIRGILIO PEREIRA)

1—1 Este adverbio é nota de musica do boi.

1—1 Adverbio e utensilio de trabalho para o frio.

2—1 Neste cesto está uma criminosa amphibia.

2—1 No rosto aqui perto da Espanha.

1—1 Sou invésivel e não sou boa para defesa.

2—2 De madeira corre n' parochia.

1—1 Este adverbio é adverbio de tempo.

1—1 Tem o padeiro esta conjunctivo do matto.

2—3 Para o frio que aqui nem todos tem.

2-2 Legume e legume que está no rio.

1-2-1 Este verbo é zero que incommoda os charadistas.

Com um terço de virtude-1
E um quarto de maginei-1
E dois terços de palio-2
Achareis do Salto o Vice-rei.

A decifração das do nº anterior é :
1ª Lacra.-2ª Lacera.-3ª Lacedemonio,
-4ª Cambaio.-5ª Fallecimento.-6ª Peta,
lo.-7ª Filomella.

EDITAIS



O Capitão Antonio Correa Pacheco e Silva, juiz de Paz mais votado da Parochia de Ytú &.

Faço saber aos que o presente edital lerem, e delle conhecimento tiverem, que tendo S. M. o Imperador por dec. n. 6880, e 6881 de 11 e 13 de Abril do corrente anno, dissolvido a Camara dos Deputados, e convocar outra para o dia 15 de Dezembro do corrente anno, bem como convocar para o mesmo dia a nova Assembleia Geral designando na forma do art. 2 § 3º, 2ª parte do dec. n. 1675 de 20 de Outubro de 1875, o dia 5 de Agosto p. futuro para proceder-se em todo o imperio, a eleição dos eleitores que tem de eleger os novos deputados. Convoco pois aos eleitores abaixo nomeados como dispõe o art. 99 do reg. que baixou com o dec. n. 6097 de 12 de Janeiro de 1876, para o dia 2 do referido mez de Agosto as 10 horas da manhã comparecerem no consistorio da igreja matriz desta Parochia, afim de proceder-se a eleição da meza que tem de funcionar no dia 5. Outro sim, tendo de preencher-se duas vagas de senadores por esta Provincia por fallecimento dos senadores Marquez de S. Vicente e Visconde de Caravellas, por dec. da mesma data foi assignado o mesmo dia 5 do p. futuro mez de Agosto, para proceder-se a eleição dos eleitores especiaes, devendo nesta eleição dos eleitores especiaes os votantes incluirem as suas listas, tantos nomes quantos forem os eleitores que a parochia der, visto nesta não haver terço. Convida portanto aos votantes desta Parochia para o dia 5 de Agosto as 10 horas da manhã comparecerem na igreja Matriz, afim de darem os seus votos para elegerem os eleitores geraes e especiaes Eleitores.

- 1º Dr. Antonio de Queiros Telles.
2º Antonino Carlos de Camargo Teixeira.
3º Dr. Cesario Gabriel de Freitas.
4º Agostinho de Souza Neves.
5º Franciscô José de Andrade.
6º Pº Luciano Francisco Pacheco.
7º Bento Paes de Barros.
8º Pº Miguel Correa Pacheco.
9º Emygdio Baptista Bueno.
10º Feliciano Leite Pacheco Junior.
11º Antonio Correa Pacheco e Silva.
12º Antonio Victorino da Rocha Pinto.
13º Joaquim Mariano da Costa.
14º Francisco de Paula Leite Camargo.
15º
16º Joaquim Vaz Guimarães.
17º Joaquim Galvão de Almeida Sobrinho.
18º Manoel Constantino da Silva Novaes.
19º José Francisco da Costa.
20º Dr. Francisco Xavier Paes de Barros.
21º Antonio José da Motta.
22º Luiz Antonio de Anhaia.
23º José Mendes Ferraz.
24º José Nardy de Vasconcellos.
25º Antonio José de Souza Gurgel.
26º Joaquim Floriano de Mesquita Barros.

1º Terço

- José Antonio Apparcio de A. Garrett.
José Mendes Galvão.
José Antonio Freire.
Joaquim José da Silveira.
José Manoel de Mesquita.
Maximiano de Oliveira Bueno.
Lourenço de Moraes Barros.
José Ferraz de Barros.

E para que chegue ao conhecimento de todos mandei passar o presente edital para ser affixado no lugar do costume e publicado pela imprensa. Ytú, 2 de Julho de 1878 Eu Francisco de Paula Guimarães escrivão o escrevi.—Antonio Correa Pacheco e Silva. 2-4

O Capitão Antonio Correa Pacheco e Silva, Presidente da junta parochial :

Faz saber aos que o presente edital lerem, que no dia 1º de Agosto do corrente anno, se deve reunir a junta da parochia para proceder ao alistamento dos cidadãos da parochia para o serviço da exercito e armada, nas condições do art. 9º § 1º do regulamento approved pelo dec.n.5.881 de 27 de Fevereiro de 1875, devendo esta reunião se celebrar no consistorio da Matriz em 10 dias consecutivos desde as 9 horas da manhã as 3 da tarde : convoca pois todos os interessados a comparecerem nesse lugar, dias e horas, para apresentarem todos os esclarecimentos, e reclamações a bem de seus direitos, afim de que a junta possa bem orientada ficar da verdade, e habilitada a fazer as declarações, e dar as informações precisas a esclarecer o juizo da junta revisora, que tem de apurar esse alistamento. E para conhecimento de todos manda lavrar o presente edital, que será affixado na porta da matriz e publicado pela imprensa, e que vai por mim feito e rubricado pelo juiz de paz.—E eu Francisco de Paula Guimarães, secretario da junta parochial, o subcrevo, Francisco de Paula Guimarães. Ytú, 1 de Julho de 1878.—Correa Pacheco

O cidadão Francisco Barreto de Souza, Juiz de Orphãos Supplente d'esta cidade de Ytu e seo termo &.

Faço saber a todos que o presente edital com as praças de 8 e 20 dias virem, que no dia 28 do corrente, mez as 11 horas da manhã, na porta da casa á travessa da matriz desta cidade, pertencente a herança do finado major Francisco Pereira Mendes Junior, serão arrematados por quem mais der sobre suas avaliações os seguintes bem moveis, semoventes e de raiz.

- Uns objectos de mesa, avaliados por 2\$000
Um par de jarros avaliado por 1\$000
Um relógio de prata avaliado por 8\$000
Um botão de peito avaliado por 2\$000
Uma banheira avaliada por 2\$000
Uma bandeja avaliada por \$4 0
Um lampeão de kerosene por 2\$000
Um dito dito para o corredor por 2\$000
Um dito lamparina por 1\$000
Um selin uzado por 6\$000
Uma carroça por 50\$000
Uma besta por 40\$000
Um cavallo branco por 30\$000
Um dito alazão por 8\$000
Uma casa, a travessa da Matriz por 2.800\$
Uma dita no fim da rua Direita para o lado da Estação por 2.200\$

Estes bens, que forão reformados de valores, vão novamente a praça para solução dos onus do inventario do dito finado major Francisco Pereira Mendes Junior á cuja herança pertencem e pelo presente convida a todos que interessados forem. Para que chegue ao conhecimento de todos lavrou-se o presente que vai publicado pela imprensa e affixado no lugar do costume. Passado nesta cidade de Ytu, aos 2 de Julho de 1878 — Eu Francisco Benardino de Campos Camargo, escrivão o escrevi.—Francisco Barreto de Souza. 2-3

ANNUNCIOS

FACA

Perdi, entre a casa do Sr. José Francisco da Costa e o pateo da Matriz, uma faca de cabo e bainha de prata, bem trabalhada. Quem chou-a, tenha a bondade de entregar-me, que será generosamente gratificado. 2-3 José Soares de Barros.

PHOTOGRAPHO

O abaixo assignado, photographo comissionado por uma associação de Pariz por tirar vistas de paisagens brasileiras, de passagem n'esta cidade, e apedido de algumas familias, poem a disposição do publico os seus prestimos, podendo ser procurado em a casa do sr. Feliciano Leite Pacheco Junior. Ytu 7 de Junho de 1878. João E. Verney.

PROFESSOR

Umã pessoa habilitada para leccionar Geographia, Historia Patria e primeiras letras, dispondo de algumas horas vagas, se propõe á dar lições em sua residencia ou em casas particulares. Para tratar n'esta typographia.

PHOTOGRAPHO

O abaixo assignado, comissionado pela redacção do jornal brasileiro "America" que brevemente encetarã sua publicação em Paris, para tirar paisagens brasileiras, achando-se nesta cidade e accedendo o pedido de muitas familias, resolveu, durante o tempo que aqui tem de demorar-se, offerecer seos prestimos ao publico, em casa do Sr. Tenente Feliciano Leite Pacheco Junior, onde tem o seo atelier.

PREÇOS

Table with 2 columns: Description of photo types and their prices. Includes items like '12 retratos cartão de visita' for 8\$000, '6 abrilhantados' for 5\$000, etc.

Grupos, retratos chapa inteira e extra chapa, assim como sobre porcellana, o que se convencionar.

Ytu, 16 de Junho de 1878.

Demora-se nesta cidade só mais 8 dias.

João E. Verney.

Fabrica de cerveja

YTUANA

GRANDE REDUCÇÃO NOS PREÇOS

- 1 duzia de garrafas 3\$000
24 1/2 garrafas 3\$500
1 decimo 11\$000
1 quinto 22\$000
Garrafa \$400

As garrafas, assim como os decimos e quintos, devem voltar.

As despesas de conducção e fretes, serão pagos pelo comprador.

Ytu, 13 de Julho de 1878

Francisco Jacob.

O ADVOGADO

Ignacio Soares de Bulhões Jardim

42 Rua da Palma 42

YTU

ATENÇÃO

João Baptista Guimarães participa ao publico desta cidade, que acaba de abrir na travessa da Quitanda um armazem de secos e molhados e generos da terra os quaes vende por preços baratissimos.

Ytu, 10 de Julho de 1878.

João Baptista Guimarães.

Liquidação DE CONTAS

O abaixo assignado autorizado para fazer a cobrança dos devedores de Thiophilo da Fonseca, convida os mesmos a virem saldard suas contas dentro do prazo de 20 dias, fin dos os quaes será a cobrança feita judicialmente.

Ytu, 1º de Maiode 878

Francisco de Paula Guimarães

Cura radical e rapida da gonorrhêa.

Remedio do dr. Engler.

Acha-se a venda em casa de Fonseca e Kibel, rua Direita n.º 41

Pharmacia Ytuana

S. PAULO

LIQUIDAÇÃO

De um sortimento de calçado. Teixeira Marcondes & C.ª vende botinas para homens, senhoras, meninos e meninas, por preços baratissimos.

LARGO DA MATRIZ.

CARROS

Preciza-se de bastantes carros para conduzir cargas a Porto-Feliz.

Para tractar com Miranda Russo.

3-3.

PARA

O FRIO!!!

Em casa de Miranda Russo, tem um grande e variado sortimento de objectos de lã bem como cassemiras de diversas cores para costume, panno piloto, caxinet de lã de cassemira para homem e Senhora, cavour, paletot e capas de lã e cassemira para Senhoras, meias de lã e outros objectos que seria longo mencionar. Vende-se por preço baratissimo dinheiro.

3-3.

Ytú, Typ. da «Imprensa Ytuana».